

Andréia Guerini\*

Universidade Federal de Santa Catarina

Ingrid Bignardi\*\*

Universidade Federal de Santa Catarina

# Leopardi nas crônicas jornalísticas brasileiras de 1881 a 1916

## Resumo:

A crônica é um gênero textual que se difundiu no Brasil no século XIX nas páginas de jornais e revistas e foi um dos gêneros responsáveis por fazer circular autores estrangeiros no sistema cultural brasileiro, como o italiano Giacomo Leopardi (1798-1837). Por isso, o objetivo deste artigo é verificar, em base aos pressupostos da tradução cultural (Burke/Hsia 2009), como Leopardi transpassou fronteiras e foi apresentado no Brasil em algumas crônicas jornalísticas, publicadas entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, mais especificamente de 1881 a 1916, e disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira. A partir da análise de 12 crônicas, que foram escritas predominantemente por homens e publicadas no eixo Rio de Janeiro/São Paulo, percebe-se que há uma tendência dos cronistas em divulgar o poeta Leopardi, “traduzindo” e ressignificando o aspecto “patriótico” da sua obra, e, principalmente, os aspectos da “filosofia pessimista” do autor, seguindo parte da crítica italiana da época. Além disso, as crônicas analisadas exercem uma dupla função no processo de tradução cultural, a do preenchimento de lacunas temáticas e a da difusão das obras leopordianas.

## Palavras-chave:

Giacomo Leopardi, imprensa brasileira, crônica, tradução cultural

## Abstract:

The *crônica* is a literary genre that became widespread in Brazilian newspapers and magazines pages in the 19th century. These short pieces were responsible for the circulation and insertion of foreign writers in the Brazilian cultural system, such as the Italian writer Giacomo Leopardi (1798-1837). The present article analyses, based on Cultural Translation Theory (Burke/Hsia 2009), how Leopardi was represented in Brazilian *crônicas* published between the end of the 19th century and the first half of the 20th century, specifically from 1881 to 1916, and available at the Brazilian Digital Newspaper Archive. The analysis of 12 *crônicas* shows that they were written predominantly by men, and published in Rio de Janeiro and São Paulo; these cronistas tend to show Leopardi as poet, “translating” and resignifying his “patriotism”, and, mainly, his “pessimist philosophy”, following sectors of the Italian criticism of the time. Furthermore, they exert a double function in the process of cultural translation, filling in thematic gaps and spreading Leopardi’s works.

Keywords:

Giacomo Leopardi, Brazilian Press, "Crônicas", Cultural Translation

## Introdução

Giacomo Leopardi é um dos grandes autores italianos e europeus, tendo sido, de acordo com Francesco De Sanctis, “uma daquelas vozes eternas que marcam com grande intervalo a história do mundo” (1986: 1310). Leopardi é também um dos “gênios” de Harold Bloom, que o caracterizou como o “maior poeta lírico da Itália desde Petrarca [...]” (2003: 420).

Leopardi teve uma grande recepção em diferentes países, especialmente Alemanha, França e Inglaterra, mas também em países lusófonos, como o Brasil,<sup>1</sup> em maior escala e, em menor intensidade, em Portugal.<sup>2</sup>

No Brasil, o nome de Leopardi foi circulando na imprensa desde o século XIX,<sup>3</sup> mais especificamente em 1833, quando aparece no jornal francês *Le Messenger*,<sup>4</sup> que era editado e impresso no Rio de Janeiro.

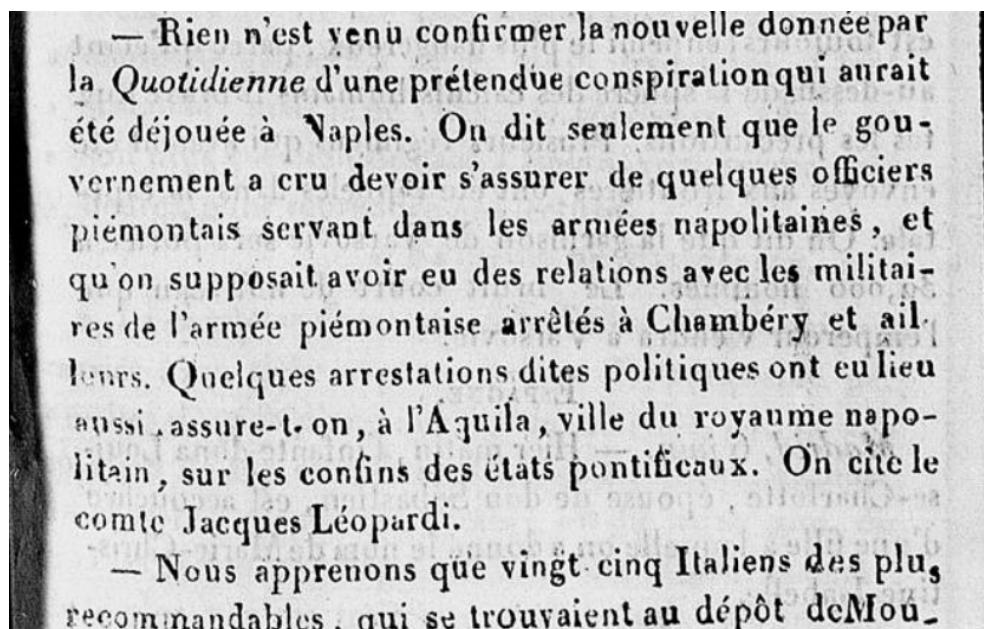


Figura 1: Jornal *Le Messenger*

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

A difusão do autor e de suas obras circulou na imprensa brasileira das mais diferentes formas: crônicas, ensaios, traduções e discursos políticos. Dentre essas, ganha destaque a crônica, que serve de instrumento, junto com as outras formas, para divulgar o escritor

italiano no sistema cultural brasileiro. Por isso, o objetivo deste artigo é verificar, com base em pressupostos da tradução cultural (Burke/Hsia 2009), como o escritor italiano Giacomo Leopardi transpassou fronteiras e foi apresentado no Brasil a partir da análise de 12 crônicas publicadas entre o final do século XIX e a metade do século XX, mais especificamente de 1881 a 1916, e disponibilizadas na Hemeroteca Digital Brasileira.<sup>5</sup>

Essas crônicas foram escolhidas porque esse período, no que se refere ao sistema cultural-literário, é um momento em que a literatura brasileira estava se consolidando, importando modelos, e o diálogo com autores estrangeiros era bastante comum. Não por acaso, essas crônicas contribuíram, como veremos a seguir, para a incorporação de temáticas leopordianas (pessimismo, ilusão e morte) no sistema cultural e literário brasileiro.

Segundo Yolanda Maria Muniz Tuzino, a crônica surgiu em Portugal em 1418 (Tuzino 2009: 3) e vai sendo ressignificada com o passar do tempo. Em “A crônica (nos jornais): O que foi? O que é?”, Paula Cristina Lopes informa que a crônica do século XV se apresentava de modo diverso se comparada ao gênero crônica do século XIX. No século XV:

A crônica abrangia, pois, a vida ou reinado de um monarca, seus sucessos político-militares, ou a vida de corporações religiosas e de alguns dos seus membros mais ilustres (Crônica da Ordem dos Frades Menores). A narração é objectiva, serve-se do diálogo, aproxima-se à forma do conto. (Lopes 2010: 3)

Já nos séculos seguintes, ocorre uma transformação, pois segundo Lopes: “[...] a crônica literária, como hoje a conhecemos, designava-se ‘folhetim’. No decorrer desse século [XIX], a utilização de um ou outro termo era praticamente indiscriminada, nomeando ‘uma nova modalidade literária’ que aparecia nas páginas dos jornais (2010: 4).

José Marques de Melo, por sua vez, afirma que

ainda hoje no jornalismo mundial o termo está relacionado à idéia de relato cronológico enquanto no Brasil, diferentemente, a crônica possui um sentido claro e inequívoco para os brasileiro como um texto breve, relacionado à atualidade e publicado em jornal ou revista. A crônica, na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de actualidade e a narração literária, configurando-se como relato poético do real. (1992: 47)

Por ser um gênero multifacetado, a crônica pode ser vista, de acordo com Margarida de Souza Neves, como

[...] ‘documento’ na medida em que se constitui como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um ‘tempo social’ vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. ‘Documento’, portanto, porque se apresenta como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. ‘Documento’, nesse sentido, porque imagem de nova ordem. ‘Documento’, finalmente, porque ‘monumento’ de um tempo social [...]. (1992: 76)

O outro aspecto é o da “crônica como contraponto crítico factual”, porque, conforme observam Granja e Andries, as crônicas fariam “o papel de contraponto crítico às notícias evocadas pelo restante do jornal [...]” (2015: 18).

Deste modo, nas diversas ocorrências de textos que tratam de Leopardi entre o final do século XIX e o início do século XX, destacam-se as crônicas de tipo social, ou “documento” e as crônicas de conteúdo mais literário, atuando como contraponto factual e a diferença entre elas é muito tênue.

Ademais, analisamos as crônicas sobre Giacomo Leopardi publicadas na imprensa brasileira a partir dos pressupostos da tradução cultural, “para descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro.” (Burke 2009: 14). Esse conceito de tradução cultural também se relaciona com a característica dos periódicos de documentar o dia a dia, visto que “[...] também pode ser usada para designar imagens visuais e a vida cotidiana” (*idem*: 15).

O encontro que propicia a tradução cultural, segundo Peter Burke, está fundamentado em dois princípios: o primeiro “[...] para preencher as lacunas na cultura hospedeira [...]” e o segundo para reforçar, através da tradução, “[...] obras que sustentam idéias, premissas ou preconceitos já presentes nela (cultura hospedeira)” (2009: 27).

No caso das crônicas aqui analisadas, esses dois princípios parecem coexistir, como mostraremos a seguir. Ademais, verificaremos como Leopardi foi “traduzido”, interpretado e resignificado no sistema cultural brasileiro.

### Leopardi nas crônicas brasileiras

Das doze crônicas selecionadas, entre o período de 1881 e 1916, a primeira escolhida é de Machado de Assis, publicada no jornal *Gazeta de Notícias*<sup>6</sup> na coluna *A Semana*, de 18 de agosto de 1894,<sup>7</sup> na qual o autor carioca apresenta a escritora Júlia Cortines:

[...] Esta poetisa de temperamento e de verdade disse-me cousas pensadas e sentidas, em uma linguagem inteiramente pessoal e forte. Que poetisa é esta? Lúcio de Mendonça é que apresenta o livro em um prefácio necessário, não só para dar-nos mais uma página vibrante de simpatia, mas ainda para convidar essa multidão de distraídos a deter-se um pouco a ler. Lede o livro; há nele uma vocação e uma alma, e não é sem razão que Júlia Cortines traduz à p. 94, um canto de Leopardi. A alma desta moça tem uma corda dorida de Leopardi. A dor é velha; o talento é que a faz nova, e aqui a achareis novíssima. Júlia Cortines vem sentar-se ao pé de Zalina Rolim, outra poetisa de verdade, que sabe rimar os seus sentimentos com arte fina, delicada e pura. O Coração, livro desta outra moça, terno, há espaços tristes, mas é menos amargo que o daquela; não tem os mesmos desesperos... (Assis 1994)<sup>8</sup>

Nessa crônica, Machado de Assis<sup>9</sup> nos fornece algumas características da poetisa carioca e as relaciona com o escritor italiano: “A alma desta moça tem uma corda dorida de Leopardi”.

Assim, pela voz de uma “autoridade literária”, o nome de Leopardi, mesmo que de maneira indireta, ganha espaço no sistema cultural nacional, não apenas pela comparação em si, mas também por destacar que Júlia Cortines traduz um de seus poemas,<sup>10</sup> “A si mesmo”, que é um dos primeiros a ser introduzido no Brasil. Esse poema tem um teor mais “pessimista”, porque o “eu poético” apresenta uma situação de desesperança diante da maldade imperante, não há espaço para ilusões, apenas tristeza, cansaço e tédio.

Na crônica intitulada “Chronica da assembleia”, de autor desconhecido, publicada em 15 de janeiro de 1881, no *Correio Paulistano*,<sup>11</sup> temos um texto irônico que trata de temas políticos discutidos na Assembleia Paulista e, mais especificamente, dos pedidos de recursos do deputado João Romeiro para a sua cidade, os quais não são atendidos.<sup>12</sup> Essa crônica tem como prelúdio os primeiros versos do poema “All’Italia” [À Itália], de Leopardi.

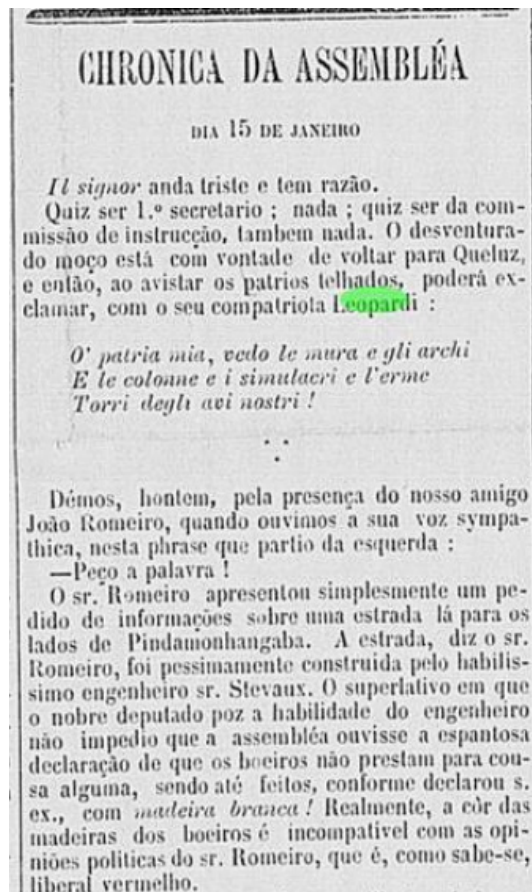


Figura 2: Crônica da Assembléia

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Embora o poema “All'Italia” não esteja completo, o autor da crônica parece conhecer o seu conteúdo, pois os versos leopardianos, no seu conjunto, sugerem a decadência da pátria e a sua fragilidade, e os utiliza para ilustrar fatos do cotidiano político brasileiro e legitimar o seu argumento. Ao usar apenas 3 versos, fora do contexto geral, o cronista os ressignifica para adaptá-los ao contexto brasileiro. Ou seja, é um procedimento que se utiliza de “um duplo processo de descontextualização e recontextualização, que primeiro busca se apropriar de algo estranho e em seguida o domestica. [...]” (Burke 2009: 16), ou dito em outras palavras, “adapta um texto a um novo contexto” (Pallares-Burke 2009: 163).

Outro processo semelhante, encontra-se na crônica, sem título, de 30 de novembro de 1901, na coluna *Notas* de Ruffino Singapura, publicada no jornal *A Notícia*.<sup>15</sup> Nessa crônica, temos a descrição de casos de violência entre casais reais como a rainha Draga, a Margarida, o caso Riquet, os Reis de Holanda e o rei Henrique II. Para ilustrar esses casos de violência, o autor utiliza alguns versos do famoso poema leopardiano “Amore e Morte” [Amor e Morte], como podemos ver na figura abaixo:

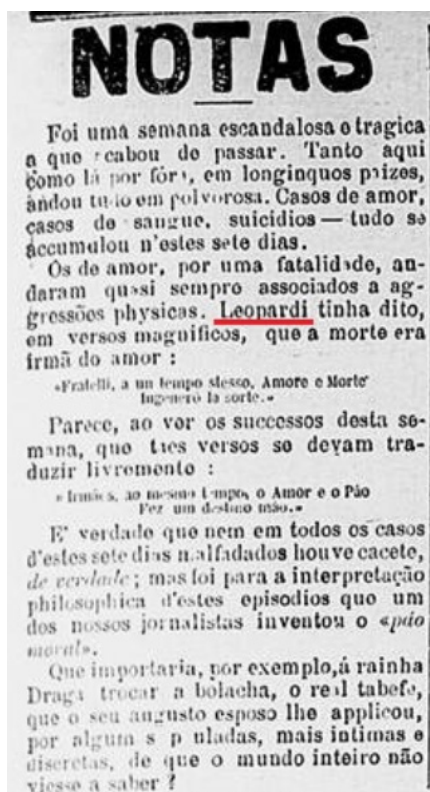


Figura 3: Notas de Ruffino Singapura

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira



O cronista sugere que os casos de violência e morte entre casais, inclusive os pertencentes à realeza, são fruto da leitura dos versos de Leopardi.

Contudo, em uma crônica de 24 de julho de 1904, publicada no *Correio Paulistano*, Wenceslau de Queiroz critica a relação do verso leopardiano com o pensamento moderno, argumentando como as novas tecnologias e a rapidez impedem a reflexão sobre o conteúdo literário. E então diz que a poesia irá acabar por causa do progresso científico e tecnológico, que impede a imaginação. Ao longo de todo o texto, Wenceslau de Queiroz discute o conceito de arte e reafirma como os antigos sabiam fazer uso da palavra. Por fim, narra a história de um velho que relata seus sentimentos ao ouvir um soneto. O autor diz que esse sim soubera traduzir o que significa a poesia verdadeiramente humana. E diz em tom irônico que a poesia pessimista de Leopardi e a de tantos outros não passaria de “baboseira”:

A poesia simples de João de Deus, a poesia nirvanica de Anthero de Quental, a poesia satanizada de Charles Baudelaire, a poesia mystico-religiosa de Verlaine, a poesia philosophica de madame Achermann, a **poesia pessimista de Leopardi**, a poesia phantastica de Edgar Poe, a poesia impassível de Leconte de Lisle, a poesia ironico-sentimental de Henri Heine, a poesia scientifica de Sally-Prudhomme, a poesia blasphemadora de Richepin, a poesia cabolinesca de Aristides Bruni, a poesia pantheista de Goethe, picturesca de Gautier, a poesia lyrica de Hugo, a poesia sceptica de Byron, a poesia romantica de Gonçalves Dias, **toda essa poesia, enfim, que illuminou o seculo transacto, para não citar a de outros seculos, não passaria neste caso de uma nullissima baboseira com que a humanidade se tem deliciado numa vesania lamentavel de maluca.** (Queiroz 1904: 1, grifos nossos)

Na mesma coluna, Wenceslau de Queiroz, em 09 de abril de 1905, trata do livro *Vibrações*, de Júlia Cortines, e o compara com outro livro, da mesma autora, *Versos*. Descreve a poetisa como uma cultivadora do verso português e cheia de ideias filosóficas.

Segundo Wenceslau de Queiroz, tanto o livro *Versos* quanto *Vibrações* apresentam características do pessimismo leopardiano, pois abordam as misérias físicas e morais dos homens. Outros pontos de aproximação entre os dois autores são destacados por Queiroz, a saber: a dor, o ateísmo, a ilusão, a natureza, a felicidade, a infelicidade. Por isso, diz o cronista que não é de se estranhar que no livro *Vibrações* apareça um poema em homenagem a Leopardi.<sup>14</sup>

Na crônica “O Mal do amor”, de Wenceslau de Queiroz, publicada no jornal *Evolucionista*,<sup>15</sup> de Maceió, em 21 de setembro de 1906, narra-se a história do príncipe Pignatelli que às vésperas de seu casamento em Nápoles deu um tiro na cabeça e com ele foi encontrado o livro de poesias de Leopardi aberto na poesia “A se stesso” [A si mesmo], acompanhado por livros de Nietzsche e Schopenhauer. O cronista diz que Pignatelli deixou um bilhete para a amada com os versos do “pessimista” poeta: “Nada ha que eguale as pulsações do coração; a terra não è digna de nossos suspiros, a vida é só tédio e fel; o mundo é lodo”.<sup>16</sup>

Os jornais atribuíram a morte à leitura das obras de Leopardi, porém, segundo o cronista, várias outras pessoas leram o poeta de Recanati e não se mataram. Diz que a causa da morte é

o amor que faz temer e que “Amar é soffrer agradavelmente, gozar de uma anciedade perenne, de um sobressalto continuo. O Cérebro repudia as ilusões, mas depois se poetisa o amor e re-torna as ilusões, como se fosse um idílio pastoril” (Queiroz 1906: 2)

Mais tarde, na coluna *A Semana*, em 02 de outubro de 1910, do jornal *O Paiz*,<sup>17</sup> Gilberto Amado escreve a crônica sobre o início do verão e as notícias recorrentes dos últimos tempos. Gilberto Amado inicia a sua crônica descrevendo um cenário melancólico e fala da sua situação de insônia. No sonho, Gilberto Amado diz encontrar o mundo ideal, o mundo da fantasia ou algo semelhante à ilusão para Leopardi, como podemos ler abaixo:

O pensamento é então o ‘viajor’ de Leopardi que não tem pouso e viaja entre as nuvens...E, emquanto a chuva cae, o corpo enlanguescia num desejo de leito quente, os demonios da lascívia acordam no sangue, e os crimes que as estatísticas registram são na maioria crimes de amor. (Amado 1910a: 1)

No trecho acima, Gilberto Amado usa o termo “viajor”, conceito que se aproxima ao ato de pensar, imaginar e sonhar e que leva o autor a um mundo melhor do que a realidade; além disso talvez podemos hipotetizar que ao citar o “viajor” leopardiano, Gilberto Amado pudesse indiretamente estar se referindo ao poema “L’Infinito” [O Infinito], uma vez que nele o escritor de Recanati projeta toda a sua imaginação para o além.

Há ainda, no trecho citado acima, uma alusão ao poema “Amore e Morte” [Amor e Morte], que foi muito difundido na imprensa brasileira durante o século XIX e início do século XX. Ademais, com o aumento de casos de assassinatos entre casais, a leitura das obras de Leopardi carregara certa “culpa” ao “incentivar o aumento desses crimes”, “crimes de amor”, como descrito em algumas crônicas de Gilberto Amado. Mais uma vez, temos a adaptação de um texto a novos contextos, procedimento comum nas relações de tradução cultural.

Na mesma coluna *A Semana* do jornal *O Paiz*, de 04 de dezembro de 1910, Gilberto Amado escreve outra crônica a partir de um *Fait-Divers*.<sup>18</sup> Trata-se da “notícia de um crime”, o envenenamento de um rapaz, o que seria para ele quase “um caso nietzschiano, um romance de Dostoiévski, pela tragedia più che l’amore di D’Annunzio” (1910b: 1). Nessa crônica, temos o relato de um cadáver que aparece boiando no rio Tietê; era um rapaz loiro de olhos azuis e pele leve, que a morte não desfigurou. Tal rapaz, na verdade, era uma mulher de 17 anos. A jovem, que segundo os jornais tratava-se de Maria Prairie, havia recebido uma educação privilegiada e lia os mais complexos autores filosóficos, entre eles, Leopardi. A imprensa e a polícia levantaram várias hipóteses que eram constantemente publicadas nos jornais.

Alguns jornais como *O Paiz*, *Evolucionista* e o *Correio Paulistano*, apontavam um “grande culpado” para essa morte: a obra de Leopardi. Para Amado, os jovens que se suicidavam ao ler as obras desses autores que difundiam “o mal de viver”, incluindo Leopardi, possuíam um vazio sombrio,



Porque sendo realmente ‘translucados’ eles, os dois jovens, chegam com a sua poesia arbitrária às mesmas conclusões de desalento, de horror á vida, á mesma sensação de inanidade e do vazio a que atingiu aquelle poeta sombrio a quem chamam o ‘Cysne Negro de Recanati’ e que compoz o *Canto nocturno de um pastor nômade da Asia*, e a mesma negação da vida daquelle philosopho de Fracfort, único que Tolstoi não catalogou entre os imbecis (1910b: 1)

Outro aspecto levantado nessa crônica e também mencionado na crônica anterior é a questão da ilusão, tema bastante caro a Leopardi e sobre o qual desenvolveu uma ampla teorização nas páginas do seu *Zibaldone di pensieri* (1817–1832).

Se na crônica de 02 de outubro de 1910 em *O Paiz* o próprio Gilberto Amado mostra que a ilusão representa o mundo ideal para fugir da realidade, na crônica de 04 de dezembro, a ilusão nem mais existe e o que resta é enfrentar a realidade ou morrer. Gilberto Amado sintetiza esse pensamento da seguinte forma: “A sciencia, despovoando o céu, rasgou todas as illusões, mas creou a pressa moderna. Multiplica ao infinito os meios de acção; obriga o homem a correr, de modo que nessa vertigem as imagens se aligeram, e o seu olhar não tem o instante de contemplação que desalenta” (Amado 1910b: 1).

No trecho acima, além do esvaziamento das ilusões, Gilberto Amado menciona a efemeridade da modernidade que modifica todos os meios de ação do homem, idéia que se encontra também na crônica de 24 de julho de 1904 no *Correio Paulistano*, de Wenscelau de Queiroz e também presente em outra obra leopardiana, as *Operette Morali* [Opúsculos Morais], mais especificamente no “Dialogo della Moda e della Morte” [Diálogo da Moda e da Morte]. A conclusão da crônica de Gilberto Amado aponta para a ideia de que determinadas leituras podem sim influenciar as ações humanas, incluindo o suicídio, uma vez que “todos os dramas que referi tressuam reminiscências literárias” (Amado 1910b: 1).

Em 22 de julho de 1912, no jornal *O Paiz*, Júlia Cortines publicou “Através da vida”, texto que retrata a sua viagem a Pisa e Roma, e na qual se evidencia a forte relação entre a sua literatura e a de Leopardi. Na crônica, ela faz referências aos poemas “Il Risorgimento” e “All’Italia”, mas também ao epistolário leopordiano.

Júlia Cortines inicia sua crônica descrevendo Pisa como uma cidade deserta, silenciosa e com alguns poucos monumentos. Para Cortines, em Pisa “há uma doçura deliciosa e balsâmica, que adormenta o coração; [...]” (1912: 1). É essa “doçura” que faz com que a escritora converse com a poetisa Júlia Lopes de Almeida, destacando vínculos com o escritor Giacomo Leopardi. Essa doçura é a mesma “[...] que a nossa grande escriptora Julia Lopes de Almeida diz, em um dos seus artigos, ter sentido a influência, e que inspirou á alma atormentada de Leopardi a sua poesia ‘Il risorgimento’” (*ibidem*). A escolha de Cortines pelo poema “Il Risorgimento” parece proposital, visto que o canto foi composto entre 07 e 13 de abril de 1828, em Pisa, local onde a poetisa se encontrava.

Nessa mesma crônica, Júlia Cortines descreve a sua chegada em Roma. A primeira impressão é de uma cidade ambígua que vai da lendária loba, muralhas e governos magnânimos ao império decaído e corrupto (*ibidem*). Essas sensações podem ser tangencialmente comparadas

às de Leopardi quando esteve em Roma e que são descritas em algumas cartas, como na enviada a Bunsen, em 24 de outubro de 1825 a que mandou a seu pai, Monaldo, em 23 de novembro de 1825.

Após comentar sobre os momentos que transcorreu em Roma e citar alguns nomes de artistas e literatos italianos, Júlia Cortines discorre sobre a arquitetura de Roma: “Os templos de Roma são verdadeiros templos de arte. A architectura, a escultura e a pintura, estão ahi reunidas numa abundancia de coisas [...]” (*ibidem*). Em algumas cartas, como a do dia 03 de dezembro de 1822, Leopardi descreve a cidade de Roma, falando principalmente da arquitetura, das construções imensas e dos espaços geográficos da cidade (Leopardi 1998: 576).

Júlia Cortines finaliza sua crônica descrevendo a Via Appia e conclui com os versos leopardianos de “La sera del dì di festa” [A noite do dia de festa], como podemos ler abaixo:

A via Appia estendia-se, como uma fita estreita, pela planície afóra, até ir se perder ao longe nos montes Apenninos, onde Albania e Asti branquejavam, destacadas do azul sombrio da montanha. As folhas dos arvoredos tremiam [sic] de leve no ouro líquido do sol poente. Uma serenidade, uma paz infinita envolviam tudo. De súbito, os versos de Leopardi cantaram-me aos ouvidos:

Or dov'è il suono  
Di que popoli antichi? or dov'è il grido  
Dé nostri avi famosi, e il grande impero  
Di quella Roma, e l'armi e il frageria  
Che n'andò per la terra e l'oceano?  
Tutto è pace e silenzio  
Il mondo, e più di lor non si ragiona. (Cortines 1912: 2)

[Que é feito agora  
Dos esplendores dos antigos povos?  
E dos avós famosos, onde as vozes?  
E o grande imperio dessa Roma, e as armas,  
E o fragor com que andou no mar e em terra?  
Tudo paz e silencio, é só repouso  
O mundo, e de mais nada nos lembramos] (Tradução de Aloysio de Castro, 1933: 37)

Júlia Cortines fecha o ciclo do relato de sua viagem à Itália, que iniciou em Pisa e finalizou em Roma, “Cidade Eterna,” que um dia se portou na história como “capitola mundi”, mundo que termina com os versos de Leopardi em que “Tudo é paz e silêncio”.

Em 02 de novembro de 1914, no jornal *O Paiz*, Chrysant<sup>21</sup> escreve um texto intitulado “Conversa Feminina”. Nessa crônica, a autora narra a sua emoção ao se deparar com a morte de uma professora, motivada pelo amor. A partir desse tema, ela começa a discorrer sobre a relação entre o amor e a morte. A crônica descreve os “grandes culpados” das mortes por

amor, os “Poetas do Amor e da Morte”, e como um dos seus grandes representantes aparece Giacomo Leopardi. Para Chrysant, a literatura leopardiana:

Fere-nos sempre intensamente, causa-nos impressão, dolorosa, de um inesperado doloroso, deparar-se-nos de súbito, na vida, a realização desse consorcio idealizado pelos poetas do Amor e da Morte:

*Fratelli a un tempo stesso*

*Amore e Morte*

*Ingenero la sorte* (Chrysant 1914: 2)

[Os dois, irmão e irman, Amor e Morte,  
Assim os fez a sorte.] (Tradução de Aloysio de Castro, 1937: 6)

Para explicar a união do amor e da morte e também a motivação das pessoas que se matam por amor, novamente a autora recorre a Leopardi:

Leopardi mostra-nos o amor assim irmão da morte, gerado com ella no mesmo seio e ao mesmo tempo, trazendo ao coração que o sente, e desde que o sente, a dor, a tristeza e a melancolia e profunda agonia d'alma.

*Come, non so: ma tale*

*D'amor vero e profondo e è il primo effetto* (ibidem)

[Por que, não sei; mas eil-o,  
Nuncio de amor veraz e poderoso] (Tradução de Aloysio de Castro, 1937: 6)

Como podemos observar, o amor e a morte só são possíveis de serem gerados ao mesmo tempo quando as ações das pessoas ficam na esfera sentimental (sentimentos de dor, tristeza, melancolia e agonia), ou seja, não há traço de racionalidade exposto neste vínculo.

Para Chrysant a literatura de Leopardi conseguiu alcançar o seu objetivo de unir o amor à morte. Porém, a autora faz uma breve ponderação, ela não julga quem comete suicídio e alerta seus leitores a fazerem o mesmo, uma vez que a culpa não seria de quem realiza o ato do suicídio, mas sim dos “Poetas do Amor e da Morte”. A autora, ao longo da crônica, parece culpar a literatura por esse tipo de morte.

Em um segundo momento, Chrysant levanta a questão de que para alguns leitores a união entre amor e morte pode ser algo inconcebível, mas a explicação para a maioria de seus leitores é o modo como cada leitor percebe essa literatura dita pessimista. Para ela, as almas ultra-delicadas não conseguem interpretar, a não ser *ipsis litteris*, esse tipo de literatura. A cronista alerta ainda que o ser humano deve se basear em dois deveres: o de viver e o de amar (Chrysant 1914: 2), pois se assim não o fazem podem correr o risco de se “deixar levar” por esse tipo de literatura. Entretanto, o que a autora não percebeu ou não quis perceber é que Giacomo

Leopardi, o “grande exemplo de Poeta do Amor e da Morte”, não cometeu o suicídio e também amou, mesmo sem ser correspondido.

Na crônica “Cabellos Brancos”, de 05 de novembro de 1916, publicada no *Diário do Povo*,<sup>20</sup> O cronista João Prata, através de um tema considerado “banal”, como o “aparecimento e o arrancar dos cabelos brancos”, reflete sobre a existência humana e a sua própria existência. O cronista cita vários escritores como Heine, Antônio Nobre, Nietzsche, Goethe e Leopardi. A referência a Leopardi aparece em um trecho que diz: “A vida tenho - na passado em delírios que eu mesmo não compreendo. Ora é a tristeza de Leopardi, que me floreja nalma, como a giesta: lenta ginestra/che di selve odorate/queste campagne dispogliali addorni [...]” (Prata 1916: 1).

Todo esse infortúnio de viver e a tristeza leopordiana que sacode a alma do cronista o leva a compreender e a perceber que já chegou a sua velhice ou até mesmo dizer que já chegou o seu fim, uma vez que o cronista diz sentir-se amadurecido mentalmente, pois com os músculos dolentes e o sangue espesso espera apenas a vida se diluir até o final.

### Considerações Finais

Das 12 crônicas analisadas no período que vai de 1881 a 1916, temos 8 diferentes autores que transportam, interpretam, traduzem e adaptam para o sistema cultural e literário brasileiro temáticas recorrentes nas obras de Leopardi, a fim de ilustrar e também de “legitimar” o argumento tratado nas crônicas.

A maioria das crônicas foi publicada no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, mas nesse período podemos destacar uma difusão de Leopardi para outros lugares do Brasil, como Alagoas, que é o caso dos textos “O mal de amor”, de Wenceslau de Queiroz, publicado no jornal *Evolucionista*, e “Cabellos Brancos”, de João Prata, publicado no *Diário do Povo*.

Além disso, podemos observar que dos 8 autores, duas são mulheres: Júlia Cortines e Chrysanthème (Maria Cecília Bandeira de Melo Vasconcelos). Júlia Cortines, em especial, se destacou na imprensa como poeta e colunista em jornais como *O Mensageiro*, *A Semana* e *Correio Paulistano*. O estilo literário de Júlia Cortines foi comparado ao de Leopardi não apenas por Machado de Assis, mas também por outros intelectuais.

Dos cronistas homens, Machado de Assis é o mais importante na “bolsa de valores” literária e usa Leopardi para destacar o aspecto “pessimista” da obra de Júlia Cortines.

Wenceslau de Queiroz, nas crônicas analisadas, atuou no campo da crônica como documento, como elemento social. A análise que faz de Leopardi parece se modificar ao decorrer do tempo. Inicialmente, o cronista afirma que os escritos de Leopardi não passavam de “báboseira”, posteriormente “incrimina” o autor pelas mortes entre casais. Esse mesmo *modus operandi* de Wenceslau de Queiroz parece ocorrer com Gilberto Amado. Assim como Queiroz, Amado culpabiliza Leopardi pelas mortes entre casais e também modifica a sua opinião em relação ao escritor italiano. Se em um primeiro momento a ilusão de Leopardi era o meio para fugir da realidade, posteriormente torna-se o fim, pois a ilusão não exerce mais efeito e, desse modo, resta apenas a morte. Por fim, Ruffino Singapura é o cronista a iniciar a discussão sobre a relação entre a leitura das obras de Leopardi e as mortes entre casais e jovens e João Prata

busca na literatura de Leopardi elementos para discutir a existência da vida e parece ficar à parte da discussão sobre “Amor e Morte”.

Contudo, o fio condutor comum em praticamente todas as crônicas é o de destacar o perfil do poeta/filósofo, evidenciando o aspecto pessimista das obras de Leopardi, como o mal de viver, a infelicidade, as ilusões, o tédio. O pessimismo é também um dos assuntos recorrentes da crítica italiana desde meados do século XIX, o que nos sugere que os cronistas brasileiros acompanhavam e seguiam a tendência da crítica estrangeira. Desse modo, parece se confirmar que

[...] textos e temas [...] são transmitidos de uma cultura a outra e de uma geração a outra [...] com características distintas e prontamente identificáveis que podem ser rastreadas com precisão conforme abrem caminho por fronteiras nacionais e ao longo de décadas ou séculos (Eire 2009: 110)

Embora as crônicas tenham evidenciado um aspecto particular da obra de Leopardi, e abordado tangencialmente outros aspectos, elas foram responsáveis por colocar o nome do escritor italiano em circulação no sistema cultural brasileiro, utilizando-se de procedimentos característicos da tradução cultural, como o da adaptação de um texto em um novo contexto em um processo de descontextualização e recontextualização (Palhares-Burke 2009: 163), ou mesmo o da “não tradução”, pois “[...] Do ponto de vista de um historiador cultural, aquilo que não é traduzido para uma determinada língua pode ser tão significativo e tão revelador como aquilo que é traduzido” (Kowalská 2009: 61). Em alguns textos os versos de Leopardi foram deixados em italiano, talvez porque os cronistas acreditassem que os leitores eram conhecedores de línguas estrangeiras, mas também pode indicar que o nome de Leopardi já circulava no Brasil, pois o público leitor era formado por uma “elite” conhecedora de outras línguas e, provavelmente, de algumas obras de Leopardi. O importante não era traduzir os seus versos, mas apenas discutir o significado de seu conteúdo para serem incorporados à argumentação presente na crônica.

Para finalizar, podemos dizer que, de maneira geral, em seus mais variados modos, as crônicas analisadas exercem uma dupla função no processo de tradução cultural, a do preenchimento de lacunas temáticas e a da difusão das obras leopardianas no sistema cultural brasileiro, impulsionando as traduções que vão começar a circular com maior frequência nos jornais e revistas, e, mais tarde, em livros, como as edições de Mário Graciotti de 1934 e a de Aloysio de Castro de 1937.

## NOTAS

\* Andréia Guerini é Professora Titular do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Literatura (1999-2001) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Foi professora visitante na Università degli Studi di Padova, Itália (2009-2010) e na Universidade de Coimbra (2017-2018). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

\*\* Ingrid Bignardi é doutoranda em Estudos da Tradução (PGET) pela Universidade Federal de Santa Catarina e Bolsista Capes. Mestre em Estudos da Tradução (PGET) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras Língua Italiana e Literaturas (2015/2016) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

<sup>1</sup> A relação de Leopardi com o Brasil foi objeto de estudo de vários pesquisadores como Alfredo Bosi, Dileia Manfio, Giuseppe Rossi, Marco Lucchesi, Mariagrazia Russo e Otto Maria Carpeaux. Para a questão específica de Leopardi na imprensa brasileira: 1875-1915, ver *Appunti Leopardiani*, n. 16/2, 2018, organizada por Andréia Guerini e Ingrid Bignardi, disponível em: <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition16/>.

<sup>2</sup> Para a relação sobre Leopardi e Portugal, ver o dossiê organizado por Andréia Guerini e Andrea Ragusa. Leopardi e o seu legado. In revista *Estudos Italianos em Portugal*, n. 14, 2019. Disponível em [https://digitalis.uc.pt/pt-pt/content/uc\\_impactum](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/content/uc_impactum)

<sup>3</sup> Ver Bignardi, Ingrid e Guerini, Andréia, “Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século XIX”, in revista *Appunti Leopardiani*, disponível em: <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition09/>. E Bignardi, Ingrid. “Leopardi na Imprensa Brasileira do Século XIX: Poeta ou Prosador?”, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, disponível em: <http://www.lle.cce.ufsc.br/docs/tccs/d68e61ad79b55c9ac0479010eb974a48.pdf>.

<sup>4</sup> Segundo Priscila Gimenez, o jornal *Le Messager* foi um periódico francês, editado e produzido no Rio de Janeiro. Esse jornal circulou durante quatro anos, de 19 de janeiro de 1831 a 29 de março de 1834, foi publicado por Pedro Gueffier et C. Éditeur e impresso na tipografia do proprietário. In: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/le-messenger-politique/>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

<sup>6</sup> A *Gazeta de Notícias* é um periódico carioca fundado por Manuel Carneiro, José Ferreira de Araújo e Elísio Mendes, que circulou entre os anos de 1875 e 1942. O jornal introduziu vários usos que continuam até os dias de hoje, como por exemplo, o clichê, as caricaturas e entrevistas. Foi responsável por debates acerca de temas nacionais da época como o antimonarquismo e o abolicionismo. Teve como colaboradores figuras importantes da política e literatura como José do Patrocínio, Machado de Assis, Capistrano de Abreu, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, João do Rio, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, principalmente na coluna A Semana. Para mais informações ver: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/gazeta-de-noticias>.

<sup>7</sup> In [http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio\\_de\\_janeiro/ano1894/04nov1894.html](http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio_de_janeiro/ano1894/04nov1894.html). Acesso em: 20/01/2021.

<sup>8</sup> Nas citações extraídas dos jornais optou-se por manter a ortografia da época.

<sup>9</sup> Embora nessa crônica o nome de Leopardi apareça indiretamente e não seja o foco principal do texto, sabe-se que Leopardi foi um autor lido e comentado por Machado de Assis, a ponto de o escritor brasileiro declarar em 1898 que: “Leopardi é um dos santos da minha igreja, pelos versos, pela filosofia, e pode ser que por alguma afinação moral[...]”. Para Sonia Netto Salomão, em *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitura*, Leopardi e Tasso eram os autores “que [Machado de Assis] mais admirava e os que mais utilizou na construção de sua obra” (2016: 236).

<sup>10</sup> Trata-se do poema “A se stesso”, traduzido por Júlia Cortines intitulado “A si mesmo”. O poema completo pode ser lido em Araújo, Gilberto (2010), *Júlia Cortines*, Rio de Janeiro, ABL, 64.



<sup>11</sup> O *Correio Paulistano* teve sua primeira publicação em 1854, o seu fundador era o proprietário da Tipografia Imparcial, Joaquim Roberto de Azevedo Marques, e como primeiro redator, Pedro Taques de Almeida Alvim. O *Correio Paulistano* que nasceu liberal e ao longo do tempo foi mudando de posição, ligando-se ao Partido Conservador e, posteriormente, ao Partido Republicano Paulista, sendo o seu órgão oficial a partir de 1890. Para mais informações ver: <http://bndigital.bn.br/artigos/correio-paulistano/>

<sup>12</sup> Era comum, segundo Gonçalves, que os cronistas utilizassem “o espaço da crônica para denunciar, relatar ou questionar os rumos do país” (2013: 7).

<sup>13</sup> A *Notícia*, jornal carioca fundado em 1894 por Manuel Jorge de Oliveira Rocha, tinha como colaboradores Medeiros e Albuquerque, Valentim Magalhães e Figueiredo Coimbra. Em 1924, o jornal é vendido para Cândido de Campos. Com o empastelamento e queima do acervo em 1930, Campos exila-se em Paris, suspendendo a publicação do jornal. Em 1950, A *Notícia* é comprada por Adhemar de Barros e Chagas Freitas e se integra ao grupo de O *Dia*. Informações extraídas de: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NOTÍCIA,%20A.pdf>.

<sup>14</sup> Esse poema está publicado na revista *Appunti Leopardiani*/16, 2018.2, 87, <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition16/>

<sup>15</sup> O *Evolucionista: jornal da tarde*, fundado por M.G da Fonseca em 02 de janeiro de 1905, que circulou até final de 1906. O jornal trazia a coluna “nota da semana” que retratava os principais acontecimentos da semana. Em sua primeira página eram noticiadas as principais reportagens, já a segunda página era dedicada aos assuntos literários e artísticos com publicações de poesia e em seu rodapé estava o folhetim literário. Informações extraídas de O *Evolucionista: jornal da tarde*. Maceió, AL: [s.n.], 1905-1906. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/evolucionista/219037>. Acesso em: 15. Dez. 2020.

<sup>16</sup> Trecho do poema “A se stesso”, provavelmente traduzido pelo próprio cronista. “Non val cosa nessuna/ i moti tuoi, né di sospiri è degna/la terra. Amaro e noia/la vita, altro mai nulla; e fango è il mondo.”

<sup>17</sup> O *Paiz*, fundado pelo português João José dos Reis Júnior, circulou entre os anos de 1884 e 1930. Seu primeiro redator-chefe foi Rui Barbosa que, posteriormente, foi substituído por Quintino Bocaiúva, presidente do Partido Republicano. Assim como os demais jornais republicanos, foi um importante veículo da causa abolicionista, da ideologia republicana e do antimonarquismo. Seus colaboradores eram Rui Barbosa, Fernando Lobo, Anésia Pinheiro Machado, Joaquim Serra, Alcindo Guanabara, Urbano Duarte e Joaquim Nabuco. Ver: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PAÍS,%20O.pdf>.

<sup>18</sup> É uma espécie de fato noticioso para gerar vendas ao jornal. Segundo Lise Andries e Lúcia Granja: “[...] o [Fait]-Divers passou a ocupar um lugar considerável nos jornais do final do século quando a imprensa se tornou um meio de massa. Há então um ‘sensationalisme du Cours du monde’ (Lyoncaen, 2011, p. 51) cujos efeitos são medidos não só em jornais, mas também na literatura da época” (2015: 18).

<sup>19</sup> Parte do nome da cronista está cortado, pois o jornal está mutilado. Após pesquisas, verificamos que trata-se de Chrysanthème (1870-1948), pseudônimo de Maria Cecília Bandeira de Melo Vasconcelos, escritora e jornalista. A autora publicou mais de vinte livros.

<sup>20</sup> O *Diário do Povo: orgão do Partido Republicano Conservador*, era uma das folhas oficiais do Partido Republicano conservador em Alagoas. Foi fundado em 1915. Em suas páginas não temos a informação de quem sejam seus fundadores e editores que trabalhavam no jornal. Informações extraídas de: *Diário do Povo: orgão do Partido Republicano Conservador*, Maceió, AL: [s.n.], 1916-1917. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=215414>. (último acesso em 12/01/2021).

## Bibliografia

- Amado, Gilberto (1910a), “A Semana”, *O Paiz*, 2 out, 1, [http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_04/3760](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/3760) (último acesso em 09/10/2020).
- (1910b), “A Semana”, *O Paiz*, 4 dez, 1, [http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_04/4634](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/4634) (último acesso em: 13/05/2020).
- Araújo, Gilberto (2010), *Júlia Cortines*, Rio de Janeiro, ABL.
- Assis, Machado de (1994), *Crônicas escolhidas*, São Paulo, Ática. [http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio\\_de\\_janeiro/ano1894/04nov1894.htm](http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio_de_janeiro/ano1894/04nov1894.htm) (último acesso em 20/12/2020)
- Bloom, Harold (2003), *Gênio: Os 100 autores mais criativos da história da literatura*, Tradução de José Roberto O'Shea, Rio de Janeiro, Objetiva.
- Burke, Peter (2009), “Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna”, in *A tradução cultural: nos primórdios da Europa Moderna*, Tradução de Roger Maioli dos Santos, São Paulo, UNESP, 13-46.
- Burke, Peter/Hsia, Ronnie Po-chia (2009), *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*, Tradução de Roger Maioli dos Santos, São Paulo, UNESP.
- Bignardi, Ingrid (2015), *Leopardi na Imprensa Brasileira do século XIX: Poeta ou Prosador?*, Undergraduate thesis, Universidade Federal de Santa Catarina, <http://www.lle.cce.ufsc.br/docs/tccs/d68e61ad79b55c9ac0479010eb974a48.pdf>. (último acesso em 10/08/2020).
- Correio Paulistano (1881), “Chronica da Assembléia”, 16 jan, 1.
- Crysant, “Conversa Feminina”, *O Paiz*, 2 nov, 2, [http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_04/25255?pesq=Leopardi](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/25255?pesq=Leopardi) (último acesso em 02/12/2020).
- Cortines, Júlia (1912), “Através da vida”, *O Paiz*, 22 jul, 1-2, [http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_04/12845?pesq=Leopardi](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/12845?pesq=Leopardi) (último acesso em 22/07/2020).
- (2018), “AGiacomo Leopardi”, *Appunti Leopardiani*, 16 (2), 87, <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition16/> (último acesso em 22/12/2020)
- Eire, Carlos M.N. (2009), “A piedade católica moderna em tradução”, in *A tradução cultural: nos primórdios da Europa Moderna*, Tradução de Roger Maioli dos Santos, São Paulo, UNESP, 96-115.
- Gimenez, Priscila (2015), “*Le Messenger: journal politique et littéraire* (1831-1832); *Le Messenger: journal politique, littéraire et commercial* (1832-1833)”, <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/le-messenger-politique/>. (último acesso em 07/11/2020).
- Gonçalves, Mariana Couto (2013), “O Jornalismo Literário no século XIX: A Imprensa entre Folhetins, Crônicas e Leitores”, *XXVII Simpósio Nacional História*, Natal, 1-14, <http://docplayer.com.br/10934741-O-jornalismo-literario-no-seculo-xix-a-imprensa-entre-folhetins-cronicas-e-leitores.html> (último acesso em 07/11/2020).
- Granja, Lucia/Andries, Lise (2015), *Literaturas e escritas da imprensa Brasil/França. Século XIX*, Campinas, Mercado de Letras.
- Guerini, Andréia/Bignardi, Ingrid (2015), “Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século

- XIX", *Appunti Leopardiani*, n. 9, v. 1, 22-28, <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition09/artigos/GiacomoLeopardi-na-imprensa-brasileira-do-seculo-XIX.php>. (último acesso em 07/12/2020).
- Kowalská, Eva (2009), "A língua como meio de transferência de valores culturais", in *A tradução cultural: nos primórdios da Europa Moderna*, Tradução de Roger Maioli dos Santos, São Paulo, UNESP, 61-74.
- Leopardi, Giacomo (1937), *Cantos de Leopardi*. Tradução de Aloysio de Castro. Roma: Instituto Ítalo Brasileiro de Alta Cultura.
- (1998), *Epistolario*, A cura di Franco Brioschi e Patrizia Landi, Torino, Bollati Boringhieri.
- Lopes, Paula Cristina (2010), "A crónica (nos jornais): O que foi? O que é." *O que é*. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/54050683.pdf>. (último acesso em 24/05/2021)
- Manfio, Diléia Zanotto (1978-79), *La Fortuna del Leopardi nella cultura Brasiliana*, Tesi di Laurea, Padova, Università Degli Studi di Padova.
- MELO, José Marques de (1992), *Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo*, São Paulo, F.T.D..
- Netto Salomão, Sonia (2016), *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitura*, Rio de Janeiro, EdUERJ.
- Neves, Margarida de Souza (1992), "Os Cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX", in *O Brasil Republicano I: o tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 34-35.
- Prata, João (1916), "Cabellos Brancos", *Diário do Povo*, 5 nov, 1, <http://memoria.bn.br/DocReader/215414/37> (último acesso em 21/05/2020).
- Pallares-Burke, Maria Lúcia Garcia (2009), "The Spectator, ou as metamorfoses do periódico: um estudo em tradução cultural.", in *A tradução cultural: nos primórdios da Europa Moderna*, Tradução de Roger Maioli dos Santos, São Paulo, UNESP, 163-182.
- Queiroz, Wenceslau de (1904), "Chronica Literária", *Correio Paulistano*, 24 jul, 1, [http://memoria.bn.br/docreader/090972\\_06/4821](http://memoria.bn.br/docreader/090972_06/4821) (último acesso em 28/07/2020).
- (1905), "Chronica Literaria", *Correio Paulistano*, 09 abr, 1, [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_06/6359](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/6359). (último acesso em 22/07/2020).
- (1906), "O Mal de Amor", *Correio Paulistano*, 21 set, 2, [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_06/9482](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/9482) (último acesso em 22/09/2020).
- Sanctis, Francesco de (1986), *Opere*, Milano/Napoli, Riccardo Ricciardi Editore.
- Singapura, Ruffino (1901), "Notas", *A Notícia*, 30 nov, 3, <http://memoria.bn.br/DocReader/830380/8472> (último acesso em 17/08/2020).
- Tuzino, Yolanda Maria Muniz (2009), "Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura.", Artigo publicado pela *Universidade Estadual de Ponta Grossa*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-intersecao.pdf> (último acesso em 20/12/2020)